

AS POLÍTICAS DE REMODELAÇÃO URBANA NO MERCADO MUNICIPAL DE POUSO ALEGRE (1940-1970)

ANA EUGÊNIA NUNES DE ANDRADE¹

ANDRÉA SILVA DOMINGUES²

FERNANDO HENRIQUE DO VALE³

Este trabalho tem por objetivo discutir as relações de sociabilidade em torno do Mercado Municipal de Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais e as políticas públicas de urbanização no período de 1940-1970. O Mercado Municipal, desde o fim do século XIX, é um ponto de tensões e conflitos sociais da cidade. Com o passar do tempo, desde sua fundação em 1873 até os dias atuais, sua estrutura sofreu reformas, ampliações e melhoramentos pautados no ideal higienista do início da República no Brasil e nos moldes do pensamento dos governantes do regime militar de 1964.

A imagem abaixo do Mercado Municipal foi registrada no ano de 1893, no entanto, a pouco de se iniciar o século XX, na gestão do Prefeito José Joaquim Vieira de Carvalho⁴. A cidade possuía ainda um aspecto rural, tendo presente 499 casas em 5 praças e 18 ruas, em uma população aproximadamente em 2.600 habitantes. (OLIVEIRA, 1900:90).

¹ Universidade do Vale do Sapucaí – Pouso Alegre/MG. Graduada em História, especialista em Historiografia.

² Universidade do Vale do Sapucaí – Pouso Alegre/MG. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Universidade do Vale do Sapucaí – Pouso Alegre/MG. Graduando em História. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig)

⁴ Nascido em São João da Barra - RJ (1837). Foi presidente da Câmara Municipal de Pouso Alegre (Chefe do Executivo) de 1892-1904. Fazendeiro e Inspetor Municipal, Agente do Correio e Chefe Político. Faleceu em Pouso Alegre, no ano, de 1911.



Imagem 01: Mercado Municipal de Pouso Alegre, 1893

Foto do Acervo Institucional Fuvs/Univás

Observando-a, nos deparamos com um primeiro detalhe que caracteriza a ruralização do município: o chão de terra batida. Não se vê ainda calçamento, tendo assim em mente as particularidades do município. A iluminação elétrica, o abastecimento de água encanada e o tratamento de esgoto, só se iniciariam 12 anos mais tarde. Uns dos meios de transportes mais usados são os de tração animal: observamos aqui um pequeno carro sendo puxado por carneiros e ainda a presença de cavalos. Tais meios eram utilizados para o transporte das mercadorias que vinham das fazendas e da zona rural abastecendo assim as bancas do Mercado.

O prédio possui uma arquitetura singular a ser observada. A construção se dá através de arcos grandes abertos de estilo românico. A grandeza era uma característica da época, imponência, para chamar atenção. O fato de estarem abertos propiciava assim uma vista interna de quem está fora do prédio, contudo as pessoas já podiam ter uma idéia do que estaria disponível naquele dia. Nesta imagem percebemos ao fundo, no interior do prédio, um suporte exposto nas aberturas do lado inferior esquerdo, podendo estar ali expostas carnes e produtos. Não vemos nenhuma cerca ou portões que impeçam a entrada de pessoas a qualquer hora do dia e da noite, comprovando ser de uso público e também para outros eventos em períodos que não se utilizava para o comércio. O telhado era composto por telhas de cerâmica simples com detalhes de arabescos adornando o seu redor e dando acabamento. No hall de entrada, indicando provavelmente o lado em que direciona a parte da frente, encontra-se inscrito Mercado, e acima o ano de sua construção -1893.

O espaço do Mercado se fixa em uma área central e aberta, localizado no antigo “Largo do Mercado”, era o ponto de encontro da cidade. Percebemos aqui a presença de crianças, poucas mulheres e vários homens. A diferença de classes sociais também é percebida. Logo atrás um grupo de pessoas negras, crianças e adultos vestidos com roupas mais simples. Alguns homens trajam roupas melhores, portando na cabeça seu

chapéu, dando-nos a idéia de uma classe média da época. Outros trajando roupas mais simples, podendo ser trabalhadores assalariados.

O Mercado, no entanto, significa algo intrínseco ao homem, as relações sociais, sendo assim ponto de encontro de discussões, de conversas de amigos, de troca de informações, de diversão. Alguns memorialistas da cidade relatam suas vivências naquele tempo. Amadeu de Queiroz nos diz a respeito dos espetáculos de circos que aconteciam em sua infância em torno do Mercado Municipal na pequena, Pouso Alegre: “Os espetáculos mal animavam o sossego das noites de Pouso Alegre, e dia a dia repisados, cessavam por falta de assistentes. E o circo desaparecia, deixando por muito tempo um circulo escavado e batido no chão do Largo do Mercado” (QUEIROZ, 1956:43). As diversões também eram marcadas por noites de leilões de doces e assadas relatados por outros memorialistas, onde ali se estabeleciam relações culturais e sociais, criando vínculos de amizade e afetivos.

Durante o dia, o espaço era utilizado para comércio. A cidade possuía alguns empórios, porém, devido à localização estratégica do prédio, área central da cidade, próxima a Igreja Matriz e a praça principal favoreciam assim o encontro e a comercialização de certos produtos como: hortaliças, legumes, frutas, cereais, carnes, entre outros. Segundo Antonio Marques de Oliveira “o mercado funciona somente aos domingos, a fim de deixar livre aos que o abastecem, isto e, a pequena lavoura, o resto da semana”. (OLIVEIRA,1900:90).

Domingo também seria um dia estratégico. Tudo irá se concentrar naquele entorno: a missa logo de manhã, passeio na praça e o tempo que se tinha naquele dia de fim de semana, após a jornada de trabalho desenvolvida nos outros dias. Ainda compondo o Largo do Mercado observamos a presença de algumas residências, onde residiam famílias tradicionais da cidade uma delas, sabida que já habitava aquele espaço do largo do Mercado, é a Família Meyer, que até hoje fixa sua residência no mesmo local, ocupantes do espaço central da cidade.

O espaço da cidade e as práticas em torno dela também trazem consigo toda uma rede de representações, de memórias que se entrelaçam construindo o saber e a visão de mundo que envolve os diferentes sujeitos. Para o autor a História precisa ser entendida com o conjunto de experiências humanas. Ao se fazer um estudo dos grupos sociais

considera-se os significados das práticas coletivas de acordo com as ações dos sujeitos sociais e das convenções instituídas pelas comunidades. (CHARTIER, 2002:123).

Tomando como ponto de partida a História Social, nossa discussão se permeará sob o novo jeito de se pensar história, tão discutido e debatido nos meios acadêmicos, algo oposto às idéias tradicionais, em que se dá importância apenas a grandes fatos e vultos. Ao estudar o passado não devemos detê-lo como algo finalista e conclusivo, mas sim, a partir dele compreender o presente, como nos afirma Marc Bloch:

“Em primeiro lugar, a história não seria mais entendida como uma ‘ciência do passado’, uma vez que, segundo Bloch, ‘passado não é objeto de ciência. Ao contrário, era no jogo entre a importância do presente para a compreensão do passado e vice-versa que a partida era, de fato, jogada. Nessa formulação pretensamente simples estava exposto o ‘método regressivo’: temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado” (BLOCH, 2002:7).

O uso da memória na história é de suma importância, pois através dela buscamos a compreensão do passado para nos guiar no entendimento do presente, tendo em mente que através do “(...) exercício da investigação histórica, por meio do diálogo com pessoas observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores”. (FENELON, 2004:118).

Nesta perspectiva trabalharemos a análise de nossas fontes, sendo um ponto chave para compreender o desenrolar dos momentos históricos. A História Oral, diante das experiências e vivências de nossos depoentes, nos ajudará a compreender fatos cotidianos no Mercado Municipal de Pouso Alegre que muitas vezes, passam despercebidos da história escrita. Alessandro Portelli ao falar sobre História Oral destaca o pluralismo resultante da prática cultural que trata das visões particulares da verdade, permitindo a construção do conhecimento por várias abordagens. Indicando que o depoimento é dado a partir do filtro da memória de cada entrevistado e de sua subjetividade, que o levam a escolher o que relatar ou não. (PORTELLI, 1997:23-32).

Teremos aqui, para apoiar a oralidade, a análise de algumas imagens que retratam as mudanças do espaço e dos aspectos físicos do prédio, dando-nos assim a idéia do caminhar dos tempos, entendendo assim a imagem fotográfica: (...) como uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado; trata-se, porém, de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa das histórias que não se mostram, e que pretendemos desvendar. (KOSSOY, 2007:31).

O final do século XIX e início do século XX marcam uma época de transformações em todo mundo. A tecnologia se mostrava cada vez mais presente na vida dos seres humanos que passavam a desfrutar dos prazeres emanados da luz elétrica e os meios de transporte cada vez mais rápidos e eficientes. Entramos no que o historiador inglês Eric J. Hobsbawm chamou de “tempo das certezas”, período que vai aproximadamente dos anos de 1890 a 1914. Com o Brasil não poderia ser diferente. Saímos de um regime monárquico e entramos no regime republicano. Com a República, vinham uma série de promessas que o Brasil enfim seria colocado nos trilhos do desenvolvimento. O novo século trazia consigo, os anseios de parte da população brasileira, formada pela nossa elite, que enfim veria o país se assemelhar às nações européias.

Nos primeiros anos da República a imprensa de Pouso Alegre comungava dos ideais positivistas de modernização defendidos durante as últimas décadas do século XIX. As notícias defendiam as novas tendências de comportamento da sociedade. E para que possamos aprofundar os significados dos fatos cotidianos da época, o trabalho com a imprensa será imprescindível, tendo em vista que Pouso Alegre possuía diversos jornais impressos. Há algum tempo, essa linha de pesquisa tornou-se crescente no campo da história, por retratar um contexto e uma linguagem social vivenciada na época, sendo um órgão de influência em diversos setores da sociedade.

“Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva social, que detém uma linguagem constitutiva social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe”. (CRUZ e PEIXOTO, 2007:260).

Com tais procedimentos metodológicos, passaremos assim a compreender parte do processo histórico do Mercado Municipal de Pouso Alegre, que muitos ainda não possuem o conhecimento, por falta de uma pesquisa mais elaborada e detalhada.

A cidade de Pouso Alegre, localizada no Sul de Minas Gerais, foi uma região onde acolhia os aventureiros que desbravavam a região. Porém, a formação do povoado se deu apenas por volta de 1747, quando os primeiros habitantes se estabeleceram. Com o crescimento da população e o desenvolvimento do pequeno povoado e pela influência

do Cônego José Bento Leite Ferreira de Mello, em 1831 elevou-se a categoria de vila. Alguns anos mais tarde, em 1848, a vila foi elevada à categoria de cidade.

Percebemos aqui que o processo de formação da cidade se deu em tempos de curta duração. E com o passar do tempo, os habitantes que ali residiam puderam sentir o que expressa Raymond Williams em sua obra *O Campo e a Cidade*: (...) Adeus, ó campos, paisagens queridas/ Ó florzinhas beijadas pelo vento!/ Por vós suspiro, ó árvores banidas;/ Que pode resistir ao cercamentos? (WILLIAMS, 2011: 232).

Do pequeno povoado, que ali se formou, onde os campos e o sentimento rural prevaleciam livremente, os cercamentos foram tomando conta e a cidade aos poucos se formando. Com isso, houve-se a necessidade de se estabelecer um ponto destinado a comercialização de produtos alimentícios e afins. Com esse intuito que em 1893, na administração do então Presidente da Câmara Municipal José Joaquim Vieira de Carvalho⁵ se deu a construção do primeiro prédio do Mercado Municipal. Nossa discussão origina-se aqui, pois a construção deste espaço público se dá quatro anos após a Proclamação da República, onde os ideais higienistas estão se formando, política esta que “ajudaram a promover mudanças, às vezes, substanciais tanto nos padrões de sociabilidade como nas formas de organização do espaço”. (SALGADO, 2003: 240).

No início do século, alguns anos após a construção do prédio, o Mercado passou por uma reforma, mudando todo seu aspecto estrutural, sofrendo apenas uma ampliação até a próxima reforma geral que se dará na década de 70. Sendo assim, podemos iniciar nossa análise que se constituirá a partir de um recorte temporal entre as décadas de 40 a 70.

O período que faremos o estudo neste artigo será de 1940 a 1970, foram momentos de transformações para a cidade de Pouso Alegre, nos campos tecnológicos, econômicos e educacionais. O crescimento da cidade provoca novas mudanças urbanísticas. “A cidade fervilha. A via pública/ onde pululam temas e discursos (Winter) / (...) tuas cidades cheias de artífices/ há comércio e alegria em cada rua; / Mesmo a labuta rude de quem talha/ As pedras no palácio, ou guia o carro/Parece alegre (Summer)”. (WILLIAMS, 2011: 242-243).

Com esta visão de desenvolvimento da cidade é que perceberemos os ideais e as pretensões desejadas perante o Mercado Municipal de Pouso Alegre. Na década de 40,

⁵ Atuou como Chefe do Executivo na cidade de Pouso Alegre entre os anos de 1892-1904.

principalmente em seu início, vamos perceber ainda um ar ruralizado no município, porém com nuances de desenvolvimento.



Imagem 02: Mercado Municipal de Pouso Alegre na década de 40

Foto do arquivo do Acervo Institucional Fuvv/Univás

Na imagem acima percebemos o Largo do Mercado ainda com chão batido. Algumas casas formam a constituição do largo, tendo a presença de postes de energia elétrica. Vários meios de transportes movidos a tração animal utilizados para a condução dos produtos ao estabelecimento ou até mesmo as residências dos compradores. A presença de homens e crianças de diversas classes sociais compõe o cotidiano daquele espaço, o lugar de encontro, de sociabilidades, de táticas e estratégias de sobrevivência. Um de nossos depoentes, Alexandre Araújo, 88 anos, diretor do Museu Tuany Toledo de Pouso Alegre relembra a década de 40, período de sua infância:

“O Mercado da minha infância (...) era um metro acima do nível da rua. Então parar subir, para penetrar no Mercado tinha que subir mais ou menos oito a dez degraus em semicírculo. Na frente do Mercado costumeiramente ficava uns três ou quatro carros de bois provindos da vizinhança rural para a venda de rapaduras. Os carreiros, de sábado para domingo, eles permaneciam dormindo ou debaixo do carro de boi ou dentro do carro de boi sobre as rapaduras devidamente protegidas”⁶

No depoimento acima podemos perceber as marcas de ruralização do município e as dificuldades dos comerciantes da época que pernoitavam nos carros de boi com o intuito de proteger a mercadoria. Em seu interior, se comercializava frutas, produtos alimentícios, tendo em seu espaço no período noturno alguns eventos “(...) no Mercado,

⁶Entrevista realizada em 13 /05/2010, com Alexandre de Araújo, 88 anos. Diretor do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo de Pouso Alegre.

tinha no corredor do Mercado tinha uns caixotes onde era vendido arroz, feijão (...) os açougues eram do lado esquerdo entrando pela frente do Mercado (...) vários bosques de açougues (...) e acostumava também durante a noite em certas épocas do ano fazer leilões dentro do Mercado”.⁷

Em 1941, o Mercado Municipal é ampliado na gestão do Prefeito Vasconcelos Costa, pelo aumento do fluxo de comércio e de comerciantes que se instalavam naquele local. Sua ampliação se dá na direção da Rua Princesa Imperial, atualmente Avenida Duque de Caxias.



Imagem 03: Fundos do Mercado Municipal de Pouso Alegre na década de 40
Foto do arquivo do Acervo Institucional Fuvs/ Univás.

A imagem acima retrata um dia de comércio onde o fluxo de pessoas é grande. Ao fundo percebemos a presença de barraquinhas fora do estabelecimento do Mercado. As pessoas, em sua maioria são homens, alguns conversando e outros trabalhando, percebemos isso pelas vestes em que elas portam. Logo à frente observamos crianças, alguns meninos e uma menina com seus carrinhos. O passatempo preferido delas eram carregar compras para as senhoras ou para aqueles que solicitavam seus serviços, pois assim tiravam algum trocado. “Então, o Mercado da minha infância, isso inclusive, tinha eu e o Augusto Ribeiro, amigo de infância nós tínhamos um carrinho de duas rodas que pegava as mercadorias e levava na sua casa, né. Ganhava naquela época setecentos, quinhentos réis por trajeto”⁸

Podemos perceber o movimento ao redor do mercado e os conflitos existentes em relação ao comércio na matéria Mais Barraquinhas, o jornal se posiciona de forma contrária ao aumento do número de barracas em torno do local.

⁷ Idem

⁸ Idem

A fim de completar um número exato de “barraquinhas” em redor do Mercado, foi instalado mais duas, agora são vinte. O passeio do Mercado já está superlotado com esse tipo de comércio que está prejudicando o comércio fixo. Enquanto que outras cidades estão sendo PROÍBIDO tanto barraquinhas como também os “camelôs”, Pouso Alegre está sendo o lugar de despejo de toda espécie de “tapeador”, uns vendendo “remédios” infalível que cura até tuberculosos, outros montando bazares. Há dias, segundo fomos informados, um garoto fraturou a perna ao desviar de uma peruca, só pelo motivo de ter que andar pela rua porque os passeios estão cheios de barraquinhas. Vamos acabar com isso? (Jornal O Linguarudo, 12/02/1949).

De cunho crítico, humorístico e noticioso, O Linguarudo era um jornal que por várias vezes criticava ações de pessoas que estariam à frente da cidade ou até mesmo de famílias tradicionais da mesma. Nesta matéria, percebemos um tom fortemente crítico em torno da questão do comércio externo ao Mercado, ou seja, das barraquinhas, visto que atrapalha a dos arrendatários de pontos dentro do mesmo. Ainda ressalta que em outras cidades já se estariam proibindo tais comércios, tendo em vista uma organização do espaço. Percebem-se aí a preocupação com tal organização, muitas vezes estética e até mesmo operacional, ideais estes perdurados da República.

No ano de 1948 foi erguido logo a frente do Mercado Municipal um Obelisco comemorativo pelo Centenário da cidade de Pouso Alegre.



Imagem 04: Mercado Municipal de Pouso Alegre e Obelisco na década de 50

Foto do arquivo do Acervo Institucional Fuvv/Univás

Através da imagem acima observamos as transformações que a cidade sofreu durante o final da década de 40 e o início de 50. A Praça do Obelisco toda remodelada, e o calçamento tomando lugar do chão batido de terra. Notamos a presença de mais residências, formando-se assim o centro da cidade.

A década de 60 foi muito representativa e decisiva para uma possível construção de um novo Mercado para a cidade. Já nos primeiros anos, especificamente em 1964, o

Brasil passa a ter um novo regime de governo: a Ditadura Militar. Um novo modo de pensar a política e a estrutura de uma cidade surgia, a grandiosidade das construções e obras deixava marcas daqueles que estavam à frente do governo. Na cidade de Pouso Alegre, grandes construções marcaram esse período, em obras faraônicas, estão: o prédio do Hospital das Clínicas Samuel Libânio e o Mercado Municipal.

Ao se tratar do Mercado, sua demolição irá ocorrer no início da década de 70. Porém, já no final da década de 60, circulavam nos órgãos de imprensa da cidade críticas e um olhar sobre a realidade do espaço naquele presente momento. A notícia abaixo: Mercado Municipal vergonha de nossa cidade critica os administradores do município devido à precariedade do local.

“Enquanto isso, o que temos? Um mercado imundo, anti-higiênico e abandonado pelos poderes públicos. Quem passa por suas imediações, sente-se mal com o cheiro nauseabundo que dali se desprende, exalado de um mictório que a saúde pública já devia ter fechado de há muito e que não tem nenhuma serventia a não ser para contaminar e infestar seus usuários, se é que alguém o utiliza. Não podemos conceber que a Prefeitura não tenha tomado conhecimento desses fatos. Caiação; uma limpeza e lavagem diária; a construção de um mictório decente; uma fiscalização mais rigorosa, enfim, uma simples reforma que visasse apenas solucionar o problema de higiene, ficaria assim tão dispendioso a ponto de não poder ser feita? Se assim é, preferível fôra que se o fechasse de uma vez. Estamos aguardando a palavra de nossos administradores! Quando tomarão as medidas que não admitem prorrogação?” (Jornal A Folha de Pouso Alegre, 09/11/1969).

Podemos aqui notar um sentimento de insatisfação por parte dos donos do jornal. No primeiro momento, são criticados aqueles que estão à frente do governo público, pelo fato de ainda não terem aprovado nenhuma idéia ou projeto da construção de um novo local para o Mercado. Em um segundo momento, percebemos a insatisfação perante o próprio local, percebendo a situação deplorável em que se encontra o local. Não se exige a priori a construção de um novo prédio, mas que a prefeitura dê atenção à limpeza, a uma fiscalização mais rigorosa por parte da administração.

Já no início da década de 70, na atual administração do prefeito Antônio Duarte Ribeiro⁹, o Mercado sofre uma reforma geral, sendo totalmente reconstruído, sendo ampliado até a Praça Dr. José Garcia Coutinho.

⁹Antônio Duarte Ribeiro (*08/04/1919) foi eleito Vice-Prefeito do Sr. Jorge Antônio Andere, tomando



Imagem 05:
Demolição do Mercado 1970

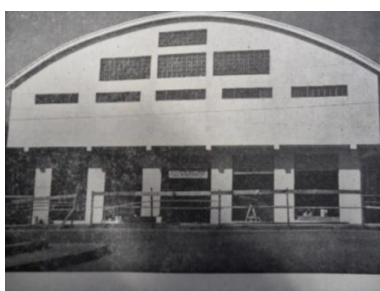


Imagem 06:
Novo Prédio do Mercado 1970
Fotos do Arquivo do Acervo Institucional Fuvs/Univás

Nas imagens acima percebemos a grande transformação e mudança sofrida nas estruturas do Mercado Municipal. Com sua ampliação o Obelisco do centenário da cidade foi demolido, gerando insatisfação de várias pessoas na cidade. Percebemos aí uma radicalização quanto à mudança do prédio, sinais de modernização do espaço. O estilo tradicional de arquitetura cedeu lugar a um modelo mais moderno e grandioso, sendo totalmente descaracterizado. A notícia Mercado em Reforma defende a remodelação do mercado:

“Consoante o anunciado em números anteriores, o Mercado Municipal, uma das vergonhas da cidade, deverá ser completamente remodelado. Tomando as primeiras providências para tal fim, o mesmo já foi transferido para o prédio dos irmãos Mariosa, antiga Fábrica Mariosa, onde funcionará provisoriamente até que as obras de remodelação estejam completas. Embora circulasse a notícia de que essa obra financiada pelo Banco do Brasil, nossa reportagem foi informada de que tal foi impossível, ficando as despesas a cargo dos cofres públicos. Desta ou daquela forma, a medida não poderia ser protelada e esperamos que a administração saiba

posse na Administração Municipal a 01/05/1969 em virtude da cassação do titular do cargo pelo movimento revolucionário, permanecendo até 31/01/1971.

fazer um serviço decente e permanente, para que não sejamos forçados a voltar ao estado de calamidade em que se encontrava o atual prédio do nosso Mercado. (Jornal A Folha de Pouso Alegre, 18/04/1970).

A notícia, meio que duramente, já se inicia denominado o prédio do “Mercado Municipal” como sendo uma das vergonhas da cidade, chamando a atenção dos governantes para que façam um serviço decente em tal remodelação. Durante o tempo da reforma, os comerciantes tiveram que se deslocar para outro estabelecimento, denominado Barracão Mariosa, localizado em uma área central da cidade de Pouso Alegre. Um dos comerciantes da época, Sr. José, nos relata esta passagem: “Lá era um ranchão, era uma fábrica lá, cada um arranhou um comdinho e ficou trabalhando, eu inclusive fiquei lá em cima, lá em cima era junto com um banheiro, lá era muito ruim (...)”¹⁰.

O relato do Sr. José nos dá a entender que o local também não favorecia muito ao comércio e aqueles que fazem suas compras diárias. Percebemos também a falta de estrutura do local e a falta de conservação da limpeza. Tudo era muito precário durante os meses que permaneceram naquele local.

A inauguração do novo prédio se deu no dia 19/10/1970, na comemoração dos 122 anos da cidade de Pouso Alegre. Contou-se com a presença do governador do Estado Israel Pinheiro, do Prefeito Municipal e de autoridades locais. Na ocasião o Sr. Prefeito assim discursou:

“(...) Somos um governo da Revolução de 1964, a ela nos integramos nos seus princípios básicos, fiéis a política de integração desenvolvida pelo nosso eminente Presidente Médici. Nestes 18 meses de governo, pela segunda vez, temos a alegria de presidir as solenidades desta magna data e, como no ano anterior, quando presenteamos a cidade com uma funcional Estação Rodoviária que nos seus 10 meses de vida já carregou aos cofres municipais, mais de duzentos mil cruzeiros, também hoje, queremos dar a Pouso Alegre, nesse festivo aniversário, não um só presente, mas vários, e dentre estes, 10 escolas, 15 quilômetros de rede de água e 15 quilômetros de rede de esgoto e este funcional e modelar Mercado Municipal. Também este, como a Estação Rodoviária, carregará para o erário municipal, mais de 120.000 cruzeiros, anuais. É, assim, um empreendimento auto-financeável e ao findar de 36 meses, terá trazido de volta aos cofres municipais, os recursos gastos na sua remodelação e ampliação”. (Jornal A Folha de Pouso Alegre, 24/10/1970).

¹⁰Entrevista realizada em 08/06/2010 com José Francisco de Souza, 80 anos, proprietário de um dos boxes do Mercado Municipal de Pouso Alegre, trabalha no local há mais de 40 anos.

Este trecho do senhor Prefeito Antônio Duarte Ribeiro publicado no Jornal “A Folha” de Pouso Alegre, tem um caráter político, de engrandecer a forma de governo na Ditadura Militar, demonstrando ser fiéis a tal forma de sistema. Na forma do uso das palavras, dá-se a idéia da entrega de grandes obras, comparando a obra do Mercado Municipal com a da Estação Rodoviária, prestando conta de valores. O majestoso Mercado é uma obra modelo, funcional e modelar, dando mais conforto aqueles que ali freqüentam e trabalham.

Na medida em que os ideais de progresso vão ganhando força, faz-se necessária uma organização urbana dando ordem ao meio público de acordo com as necessidades daqueles que administram a cidade. Após as análises dos jornais percebemos que a cidade é tratada como um lugar de vida capitalista. Os jornais reforçam a necessidade do progresso e da civilização pautados primeiramente nos ideais higienistas. Neste momento histórico, a crítica é direcionada aos administradores municipais silenciando os espaços de tensões e disputas em torno do Mercado Municipal, e com o passar do tempo a imprensa ressalta de forma positiva a política militar do regime militar de 1964. Somente por meio das fotografias e dos depoimentos foi possível perceber os sujeitos históricos no espaço público. Diferentemente dos documentos, as imagens mostram as práticas cotidianas da cidade. As marcas do rural estão presentes na realidade social, embora a normatização e a regulamentação das memórias dominantes apontem para um lugar onde as reformulações urbanas levariam a cidade a um paraíso civilizatório das repúblicas. Este primeiro estudo nos leva a reflexão de que juntamente com as memórias hegemônicas existem outros sentidos no acontecimento histórico, outras memórias sociais que nos sensibilizam frente às relações de poder e as desigualdades sociais.

Parafraseando Marc Bloch este estudo nos instiga a varejar carnes humanas silenciadas pelas instituições dominantes. A partir de agora novos desafios se fazem presentes e latentes no caminhar desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRS. 2002.

CRUZ, Heloísa de Faria & Maria do Rosário da Cunha Peixoto. Na oficina do historiador: Conversas sobre História e Imprensa. **In: História e Imprensa**. Revista Projeto História. São Paulo, SP: Educ, 2007.

FENELON, Déa Ribeiro (Org). **Muitas histórias, outras memórias**. São Paulo: Editora Olha d'Água, 2004.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Conferência: **Tentando compreender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Revista Projeto História: PUC-SP, São Paulo, 1997.

QUEIROZ, Amadeu de. **Memórias: Dos 7 aos 77**. São Paulo, 1956.

SALGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da República a Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: Na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2011.